

18º CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA

26 a 29 de julho de 2017

Grupo de Trabalho 19: Literatura e Ciências Sociais

BALZAC PARA SOCIÓLOGOS

UTOPIA E DISPOSIÇÕES SOCIAIS NO SÉCULO XIX

Lília Junqueira

Universidade Federal da Paraíba

Balzac para Sociólogos

Utopia e disposições sociais no século XIX¹

Lília Junqueira²

I

A Sociologia surgiu enquanto necessidade de reorganização social e científica, pela aplicação prática das novas concepções iluministas do mundo na Europa, em um contexto sócio-histórico pós-revolucionário.

Se analisado do ponto de vista das teorias das disposições sociais, este fato, ainda hoje visto como desvantagem para a constituição do pensamento social como ciência, pode ser pensado de forma diferente, como vantajoso para a Sociologia, na medida em que indica a existência de muito mais elementos, presentes em outros campos do conhecimento além das ciências sociais, passíveis de serem investigados para uma compreensão mais ampla e profunda do surgimento desta ciência. Este posicionamento vem do fato termos hoje as teorias sociológicas disposicionalistas, que construíram ao longo dos anos os instrumentos necessários para estudar tais momentos onde os acontecimentos e contextos não se encontravam ainda classificados e organizados em alto grau, na forma que o ocidente estruturou paulatinamente as ciências desde a modernidade. O estudo das trajetórias individuais baseado em investigações históricas, de memórias e de biografias (Halbwachs, Elias, Durkheim, Bourdieu, Lahire) desenvolveu-se bastante nestes estudos, de forma a atingir hoje uma empregabilidade metodológica otimizada. Até meados do século XX ainda não tínhamos essa possibilidade, posto que o disposicionalismo ainda não estava ainda desenvolvido.

¹ In: JUNQUEIRA, Lília. *Balzac para Sociólogos. Utopia e disposições sociais no século XIX*. Curitiba: Appris, 2017.

² Professora e pesquisadora do Departamento de Ciências Sociais da UFPB, autora dos livros *Desigualdades Sociais e Telenovelas – relações ocultas entre ficção e reconhecimento*, SP: Annablume, 2009; *Cultura e Classes Sociais na Perspectiva Disposicionalista*, Recife: Editora UFPE, 2010 e *Balzac para Sociólogos – utopia e disposições sociais no século XIX*. Curitiba: Appris, 2017.

Efetivamente, o disposicionalismo, auxiliado pela história, permite voltar à visão de mundo pré-sociológica dos séculos XVIII e XIX, recolocando em evidência o indivíduo, e mais ainda, os primeiros pensadores no centro da investigação sociológica. A Sociologia, em seu início relegava o indivíduo a segundo plano. Assim como as demais ciências humanas abandonaram o estudo do indivíduo no início do período moderno (Lahire, 2004; Foucault, 1999), substituindo pelo foco nos grupos, instituições e sociedades-nação, também a Sociologia teve a mesma necessidade. Esta perspectiva foi se mostrando falha para a abordagem dos fenômenos sociais e somente no século XX com a micro-sociologia, buscou-se corrigi-la. Ainda assim, conformando a realidade social em sistemas relacionais mais próximos à Antropologia.

Este abandono do exame da sociedade a partir de uma escala individual coloca inúmeros problemas para a Sociologia contemporânea e desperdiça oportunidades, períodos históricos, fontes de pesquisa, levantamentos e gigantescos reservatórios de dados já coletados por outras ciências tais como a História e a Filosofia.

A atual crise explicativa que enfrenta a Sociologia começa no seu começo, ou seja, na rarefeita compreensão da visão de mundo e das práticas que possibilitaram a conformação de si própria enquanto necessidade de investigação no ocidente. Hoje contamos com perspectivas que valorizam elementos que vão além de uma racional e perfeitamente oficial definição lógica do objeto sociológico como a que era valorizada na época, almejada por todos os envolvidos no positivismo e conseguida por Durkheim.

Um exame do passado da Sociologia à luz da perspectiva sócio-literária de Balzac enquanto autor lido pelos pensadores, pode mostrar a existência de variados elementos sociológicos contidos nas práticas sociais e nas aspirações europeias que puderam mais tarde ser sintetizados na fórmula do “fato social enquanto coisa”. Em outras palavras, aquilo que consideramos uma desvantagem para a Sociologia-ciência, se observado mais de perto, à escala individual, tem potencial para revelar outras facetas do nosso primeiro objeto científico. Além disso, proporciona o exercício sugerido por Figueiredo

(2001) no qual a Sociologia contemporânea busca contato com as outras ciências (no nosso caso, com a literatura) para estender o seu poder explicativo, alcançando a complexidade e a multiplicidade dos fenômenos sociais.

Assim, cabe perguntar: De que visões de mundo surgiu o objeto da Sociologia? Que experiências humanas e sociais estiveram na base da formação daqueles que deram contribuições para o forjar? Que disposições sociais permitiram que fosse definido da forma que o foi e não de outras? Que influências de outros fazeres sociológicos tiveram? Que livros leram os primeiros pensadores do social? Que romances leram? Qual a força da influência da literatura na conformação científica do nosso objeto? Qual a real importância da “esfera pública literária” dos séculos XVIII e XIX (Habermas, 1984) no surgimento da Sociologia, muito antes da instalação definitiva da “razão instrumental”?

O estudo da biografia de Honoré de Balzac possibilita esta compreensão na medida em que:

1. Faz aproximações e comparações de natureza sociológica entre as respectivas trajetória literária e o ambiente social de surgimento da sociologia, usando a metodologia disposicionalista.
2. Identifica as disposições que levaram o autor a elaborar o conteúdo social em sua escrita.
3. Coloca em questão, a partir dos dados obtidos, o caráter sociológico do realismo literário.

Do ponto de vista do estudo da trajetória do autor, a proposta do livro é dar uma visão diferente do autor quando comparada àquela dada, tanto pelos numerosos biógrafos, quanto pelos analistas literários e cientistas sociais que reconheceram de alguma forma a importância do autor para a sociedade, a cultura e as ciências humanas. Mostramos neste trabalho, entre outras coisas, a forma pela qual, lançando mão de procedimentos, disposições, atributos e estratégias de escrita, Balzac pôde, junto com outros escritores de sua época, adubar o solo do senso comum para o surgimento das Ciências

Sociais e da Sociologia.

Uma das disposições mais importantes encontradas neste estudo é o parapsiquismo, ou seja, a capacidade de percepção paranormal. Levamos esta disposição a sério neste livro, mostrando sua funcionalidade na prática da escrita de Balzac. Neste sentido, levando em consideração não só o visionarismo do escritor, mas sobretudo a qualidade mental geral do seu parapsiquismo (que proporcionou a expansão extraordinária da sua compreensão do mundo e do mundo social para além da visão comum chegando à “cosmovisão”), é possível (para além das visões de Balzac até hoje elaboradas), identificar a proposição de uma crítica social, no bojo da qual foi constituída uma utopia social insuspeitada nos termos sociológicos conhecidos, e parassocial em novos termos. *A Comédia Humana*, obra maior de Balzac, não é meramente uma descrição sofisticada da sociedade, mas uma descrição cosmovisiológica, utilizando os atributos pessoais combinados da imaginação sociológica e do parapsiquismo do autor, além todos os recursos decorrentes de sua aplicação.

II

Honoré de Balzac foi um escritor de referência para o seu século, o seu país, e a Europa. Ao retomarmos a leitura sobre sua vida e obra hoje, revelou-se a profunda atualidade de suas ideias. Restringindo-nos à Sociologia, pode-se dizer que sua obra e trajetória são de interesse para correntes teóricas interessadas no estudo da sociedade através da explicação pelas causalidades individuais ou da ordem da interação. Além das correntes do interacionismo simbólico e do individualismo, há pelo menos mais uma corrente de vanguarda propondo a sociologia do indivíduo. O chamado “estruturalismo genético” francês é uma das correntes mais discutidas hoje na sociologia, e tem se atualizado no século XXI dentro do desenvolvimento

da sociologia do indivíduo.³ Além de Émile Durkheim, Maurice Halbwachs, Pierre Bourdieu e Norbert Elias, Bernard Lahire é um dos autores atuais representantes desta tendência.

Segundo esta tradição, é possível entender uma determinada sociedade através da rede relacional que se forma entre os indivíduos, a partir de práticas, atos, costumes comuns, desenvolvidos no interior dos processos de socialização. Cada indivíduo desenvolve disposições, ou seja, tendências para agir, pensar e sentir, e eu acrescentaria, “representar” a realidade, que são internalizadas no seu contato com os outros no interior das redes de relacionamento, desde a família de origem até o mundo profissional.

Devido à trajetória de vida de Balzac, à posição que ele ocupou nos seus grupos de referência, ao tipo de inteligência que ele desenvolveu de forma prioritária e ao inegável talento científico, pode-se dizer que Balzac produziu um conhecimento *social* do indivíduo no séc. XIX. Tudo isso para nos restringir ao conteúdo das suas ideias, independente da forma de comunicação que ele utilizou como substrato lógico para transmitir este conhecimento, ou, se quisermos aderir ao termo de Foucault, a este “saber”.

Pode-se fazer a crítica a esta ideia defendendo que “saber” e “ciência” não tem a mesma legitimidade em termos de produção de conhecimento. No entanto, o que se verifica hoje nas Ciências Sociais, é uma tendência, um direcionamento cada vez maior no sentido de apreender fenômenos de explicação cada vez mais difícil, porque são cada vez mais difusos, permeados pela emoção e sentimentos humanos, pelas práticas e trajetórias de vida dos membros da sociedade. A tendência hoje é muito menos um direcionamento tradicional onde a explicação se esgota nas grandes estruturas ou organizações sociais abstratas. A complexidade, a alta variedade e variabilidade dos fenômenos sociais, uma vez constatadas, estão levando as Ciências Sociais a um posicionamento teórico metodológico mais “individualista” no sentido colocado por Lahire, ou seja, o da tradição

³ Bernard Lahire. *Dans les plis singuliers du social: individus, institutions, socialisations*. La Découverte, 2013.

disposicionalista. O fato de Pierre Bourdieu ser um dos sociólogos mais lidos no mundo, hoje, é um dos múltiplos indicativos desta tendência.

A ideia deste livro não é defender a inclusão de Balzac no rol dos sociólogos, nem muito menos no grupo dos sociólogos disposicionalistas. Embora tivesse plena consciência de que aquilo que produzia era mais do que ficção, o autor não tinha esta pretensão. Pelo contrário, achava os pensadores sociais de sua época homens limitados ao pensamento racional e acreditava que isso dificultava para eles uma visão mais ampla da sociedade.

No entanto, a atualidade do autor para o pensamento sociológico nos estimula a fazer uma recuperação desta sua visão, da sua percepção privilegiada do social que é construída sem o intervalo, a intersecção, o *gap* que separa diferentes fenômenos sociais (mais substanciais e objetivos) e manifestações do social (mais difusas e relacionais), presente na formação conceitual científica sociológica. Certas limitações dos conceitos científicos permanecem desde o início da formação das ciências sociais. A Sociologia em seu início, padeceu de problemas relacionados a dificuldades com relação à autodefinição conceitual e à separação de outras ciências já existentes tais como a Filosofia e a Política⁴. Devido a esta herança, as dicotomias políticas ficaram internalizadas nos conceitos fundamentais da Sociologia, dificultando a separação, por exemplo, entre Sociologia e Política até os dias de hoje. É isso que faz a permanência, nas Ciências Sociais, do eterno dilema entre macro e micro teorias, por exemplo, ou tendências e posições teóricas “de esquerda ou de direita”. Muitos sociólogos no decorrer da história da Sociologia tem tentado sair deste impasse. Mas é preciso ir mais além do que a simples revisão e reutilização imanente dos conceitos dos clássicos e dos grandes contemporâneos. É preciso ir além da criação de pseudo novos conceitos dentro dos mesmos prismas, o que acaba reproduzindo as mesmas formas de pensar, só que repaginadas.

⁴ Florestan Fernandes. *A herança intelectual da Sociologia*, in: FORACCHI E MARTINS, Sociologia e Sociedade (Leituras de Introdução `a Sociologia), RJ, LTC, 2008.

Recuperar as ideias de Balzac sobre o social pode ajudar nesta empreitada. Porque o realismo literário, sua corrente de trabalho, era muito próxima da Sociologia. O realismo trazia a sociedade para dentro dos romances. Isto levava os escritores a desenvolver procedimentos de pesquisa de tipo sociológico e antropológico, tais como a observação e o registro, embora ainda não dentro dos procedimentos metodológicos técnicos desenvolvidos pelas Ciências Sociais. Neste desiderato, autores como Balzac acabaram desenvolvendo uma forte imaginação sociológica. Com uma vantagem sobre a que temos hoje: como ainda não haviam sido configurados os conceitos sociológicos dentro das dicotomias (política-filosofia; materialismo-idealismo; micro-macro; esquerda-direita) hoje clássicas, eles ainda conseguiam ver o social de uma forma mais ampla, irrestrita às atuais classificações internas rígidas. Nela entravam múltiplas ideias, definições, formas, vocábulos, saberes, impressões, intuições, sentidos que foram sendo abandonados no decorrer do desenvolvimento das modernas Ciências Sociais.

Para além de qualquer saudosismo, a ideia deste livro é recuperar a imaginação sociológica dentro da literatura de Balzac pensando em ampliar nossa visão do social. Tentar ver novamente os fenômenos sociais nos interstícios daquilo que conseguimos ver hoje através dos conceitos sociológicos atuais. Estes, na maioria das vezes, dispostos em classificações altamente complexas e rígidas, funcionam no interior de oposições científico-políticas específicas e diferentes entre si, limitando muitas vezes nossas possibilidades de elaboração mental mais ampla. Para escrever este livro foi necessário ampliar nossa visão para além das dicotomias conceituais convencionais. Não para voltar a pensar o social como ele era pensado no século XIX, nem para esvaziar o pensamento social de toda crítica política, mas para permitir-se pensar um pouco fora das delimitações conceituais de hoje. Fazer a mente expandir para fora do dilema sociológico tradicional para possibilitar um distanciamento da forma como pensamos hoje, na medida em que fomos entendendo de que forma pensávamos no passado. Este exercício epistemológico dialético, também proposto por Tacussel (1995) pode nos ajudar a fazer uma re-expansão mental posterior para o futuro. Nos permitir, e quem sabe, aos novos

sociólogos, perceber que a forma como pensamos o social hoje, um dia foi totalmente, profundamente, diferente. E que portanto, se foi modificada no passado, pode também ser modificada para melhor a partir do presente ou no futuro. Em outras palavras, abrir a mente pode possibilitar o surgimento de novas utopias sociais e científico-sociais do mesmo modo que fizeram os primeiros escritores e pensadores do social.

Neste sentido é que, estudar, no interior das disposições sociais, os mecanismos de percepção, análise e compreensão que Balzac colocava em funcionamento para ver a sociedade francesa no século XIX (em outras palavras, identificar e entender a sua imaginação sociológica), pode dar uma contribuição para pensar hoje a sociedade do indivíduo, meta científica das teorias disposicionalistas.

III

Balzac viveu num momento histórico crucial para a modernidade que é o período que vai da primeira década após a Revolução francesa até a metade do século XIX. Nasceu em 1799 e faleceu em 1850. Sua vida e obra refletem justamente a tensão experienciada pela Europa neste período que compreende todo o esforço do ocidente numa reconstrução da vida em sociedade dentro de parâmetros não religiosos. Toda uma reorganização da ordem social foi remodelada, a política, a economia, a ciência, a arte, a lógica de pensamento, comportamento e ação individuais e sociais mudaram para sempre a partir dali. Esta mudança foi originada no tempo e no contexto social descrito por Balzac em sua obra.

Weber diria que Balzac viveu entre um período de desencantamento e outro de reencantamento do mundo. Entre o desencantamento da Revolução francesa e do Iluminismo (contra a visão teológico-política) e o reencantamento do mundo do consumo (Revolução industrial) que trazia os mitos de volta.

Entre a desconstrução do mundo antigo pré-capitalista e o início da reconstrução racional da sociedade moderna, os pensadores trabalhavam com configurações ideativas instáveis, fragmentárias, variadas, de muitos tipos. O mundo e a forma de vê-lo estavam fragmentados na mente das pessoas. Havia formas de pensamento e costumes antigos convivendo com novos. Era imenso o esforço para organizar o caos das vidas humanas numa nova ordem mais racional. Os pensadores trabalhavam ainda somente com possibilidades de devir, pois ainda não tinham perspectiva do que poderia vir a ser o social que tentavam organizar. Não tinham elementos para vislumbrar com clareza o novo tempo, porque as tendências naturais do passado foram interrompidas pela ruptura ocasionada pela Revolução.

Nesse momento havia duas “derivadas” frequentes do pensamento racional científico: a primeira era a tendência teológica, da qual foi vítima Augusto Comte. Sua Sociologia acabou retroagindo, configurando-se novamente em termos de religião. A segunda era a utopia ideológica. Se, de acordo com Foucault, a primeira foi solucionada através da classificação do transcendental em duas categorias: religião ou loucura, separando-se ambas definitivamente da dimensão científica, a segunda foi incorporada pelas primeiras Ciências Sociais porque era política, e trazia uma ideia de direção, na qual a condução das sociedades pelos cientistas poderia levar. Assim a utopia marxista, por exemplo, tornou-se uma corrente sociológica ainda hoje preponderante nestas ciências. Ainda não tinham sido construídas as estruturas modernas do pensamento, a ordem científica, a classificação das palavras e das coisas, toda visão de futuro era mais instintiva do que racional, atravessada por contradições e paradoxos. O novo ainda continha elementos do antigo.

Foram os pensadores e escritores os responsáveis por esta reconstrução. Era um trabalho “de Hércules”. Daí a magnificência das obras literárias e das primeiras obras sociológicas. Escritores como Balzac, Stendhal, Flaubert, e pensadores como Augusto Comte, Émile Durkheim e Karl Marx tinham a mesma aspiração a escrever de modo realista, no intuito de que sua escrita

servisse para analisar o mundo social, que retratassem e explicassem, em diferentes termos, a espantosa nova realidade social, embora o tenham feito utilizando linguagens diferentes. Eles escreveram nesta mesma época e foram alguns dos responsáveis por esta reformulação das formas de pensar, entender e gerir o mundo moderno.

Para que as Ciências Sociais pudessem emergir, antes era necessário que o senso comum admitisse a possibilidade de pensar a realidade cotidiana em termos de uma ordem *social* e não *divina*. Este trabalho foi feito, entre outros, pelos escritores realistas românticos como Balzac. O trabalho de traduzir o mundo social em termos realistas e científicos era difícil porque o que era antigo teimava em permanecer. As tentativas traziam frequentemente, muito pensamento mágico do passado, que não contribuía para o avanço. O formalismo romântico na literatura e a visão religiosa do social na Sociologia, eram tendências contra as quais era preciso lutar permanentemente, dentro e fora da própria mente. Daí a importância de saber de que forma estes homens viveram e pensaram. Aqueles que não estavam disciplinadamente alertas para as mudanças em curso, entravam facilmente em divagações tendenciosas em direção ao passado. As forças do futuro e do passado lutavam no mesmo palco. E as pessoas estavam presas nesse turbilhão. Muitas viviam ainda segundo costumes do passado, como se estivessem num sono, numa inércia. De outro lado, o movimento de transformação colocava muitas dúvidas: o Antigo regime deveria continuar ou ser interrompido? A Restauração era algo positivo ou negativo? O que a vida burguesa trazia de positivo e de negativo para a sociedade, para as novas gerações, para o futuro da Europa? O século XIX é o palco desta dialética entre passado e presente, entre magismos e racionalismos, teologismos e ciências. Neste palco, Paris ocupa um lugar central e os escritores literários estão entre os principais observadores e descritores da sociedade.

IV

Ao escrever *A Comédia Humana*, Balzac descreve as características desta sociedade nascente de modo detalhado e extremamente sensível, colocando em funcionamento uma forma sociológica de ler o mundo bem antes de ser definida uma perspectiva propriamente científica como modo de percepção por excelência da nova ciência Sociologia.

De fato muitos autores contemporâneos e posteriores a Balzac reconhecem na sua obra a presença de uma forte imaginação sociológica. *A Comédia Humana*, a mais importante obra do autor, teve para o início da modernidade no século XIX, o mesmo papel que a dialética revolucionária de Benjamim teve para o fim da modernidade no século XX. Ela mostrava os elementos fragmentários do real, apontando todas as falhas, os defeitos, as disfuncionalidades de costumes, pensamentos, posturas, sentimentos, os anacronismos deslocados, de toda espécie e de toda ordem dentro da vida cotidiana das pessoas. Por isso a obra de Balzac tinha uma função sociológica, dialética, na qual, através da revelação estática e escrita das falhas sociais, permitia uma refinada crítica social, e uma posterior reordenação mental e moral das aspirações coletivas para idealizar um futuro mais correto, uma ordem social mais justa, em outras palavras, formular utopias mais condizentes com o grau de desenvolvimento da sociedade no século XIX, com vistas ao futuro.

Walter Benjamim foi o intelectual da teoria crítica mais sensibilizado para as questões tratadas por Balzac em seus livros. Interessou-se pela descrição das paixões humanas na vida cotidiana impedindo a configuração social idealizada, desejada pelos pensadores. Viu na *Comédia Humana* a vivência cotidiana das carências e limitações humanas levando de volta o pensamento desde a ilusão da *urbe* paradisíaca moderna do século XX aos novos mitos capitalistas do séc. XIX. As vitrines, o *flâneur blasé*, as passagens labirínticas de Paris, que por si sós geravam uma moral concupiscente, negativa, desumana. A desigualdade social campeando das formas mais sutilmente

cruéis já socializadas até aquele momento histórico. A sociedade capitalista no século XX, para Benjamim, assim como a sociedade parisiense no século XIX, para Balzac, seguiam para a catástrofe.

Mas Benjamim mostra como resgatar a coletividade, retirá-la deste sono (o qual equivale a uma volta e permanência no passado através dos mitos) de volta para uma visão de futuro. Em seus livros ele propõe um trabalho técnico de desmistificação que consiste em abstrair o tempo, analisar a situação de modo estático, ver a configuração dos estilhaços misturados de presente e passado e então perceber as armadilhas do pensamento, da racionalidade e da liberdade. A partir daí libertar, achar uma via de avanço para o futuro, organizando, priorizando a construção do futuro e deixando para trás o passado. Propõe a dialética dos tempos permitindo o desenlace do passado na razão conscienciosa do presente, fazendo um “desassédio” do passado no presente, tendo em vista o futuro. Do ponto de vista da memória, parar o tempo, examinar o que passou e o presente e a partir daí reformular o caminho do futuro. Para ele o emprego consciente da razão é o único meio que temos para deixar os mitos para trás (Abensour, 2007).

Nesse ponto ele está em concordância com o disposicionalismo e com Bourdieu na medida em que o “estruturalismo genético” faz exatamente esta parada no tempo para analisar a estrutura das práticas e símbolos sociais. A diferença é que este último se exime de indicar direcionamentos sociais, restringindo-se à crítica sociológica.

Então Balzac desenvolveu uma utopia social? A resposta é sim. Esta utopia não é reconhecida pela maioria dos biógrafos e estudiosos de Balzac por ter sido fundamentada na ordem da transcendência e não na ordem material, econômica ou política. Há uma utopia em Balzac mas ela foi relegada ao esquecimento junto com todas as experiências de transcendência realizadas pelos burgueses no século XIX, colocadas no mesmo saco, junto com ideias reconhecidamente religiosas daqueles tempos conturbados.

Balzac descreve Paris muito mais como a sociedade catastrófica adoniana do que como a cidade perfeita, a Arcádia. Ao mesmo tempo, apresenta a solução para os problemas da personalidade subjacentes à nova ordem social via a transcendência. Nos *Estudos Filosóficos* ele aponta a reorganização social como uma via para chegar à utopia social, ainda misturada entre teologia católica e auto-aperfeiçoamento espiritual e moral autônomo. O auto-aperfeiçoamento proposto por Balzac, era de natureza espiritual e científica, pois passava pelo conhecimento da verdadeira natureza humana, que era desde o início, imaterial.

A ruptura radical com a transcendência iniciada desde o século XVII, descrita por Foucault, radicalizou-se no século XIX, dificultando para Balzac e seus contemporâneos o desenvolvimento destas ideias de modo científico. Elas permaneceram excluídas das ciências modernas, sendo classificadas saberes pré-modernos. Ao mesmo tempo, no contexto social histórico, era reforçado o efeito do reencantamento capitalista-industrial do mundo, paralelamente à constituição das novas ciências humanas. O modo transcendente de perceber e pensar ficou adstrito ao chamado passado pré-moderno. Identificado com as mistificações, as crendices e o pensamento mágico. Abolida por todas as instituições modernas. Pelas capitalistas por ser espiritual, e pelas católicas por ser herética.

Na primeira parte deste livro são descritas estas práticas individuais de caráter exploratório científico que se tornaram parte do cotidiano de muitos burgueses na Europa, desenvolvendo todo um conhecimento hoje chamado de exotérico, mas que na época aspirava à legitimação como qualquer outra ideia científica.

Destas práticas surgiram teorias completas, conhecimentos vastos sobre a natureza humana que foram totalmente esquecidos pelas ciências humanas, mas que se mantiveram reconhecidos pelas chamadas ciências do espírito tais como o Espiritismo, o Esoterismo científico e a ciências da Paranormalidade. As utopias balzaquianas fazem também parte deste bloco de conhecimentos que, entre outros, lutavam por serem reconhecidos como

ciência no século XIX. Elas eram localizadas na dimensão da transcendência, recusando até certo ponto as religiões estabelecidas e reivindicando cientificidade. Para Balzac o homem tem direito ao Cosmos. Mas o materialismo e o capitalismo, da forma que estavam configurando a vida cotidiana dos indivíduos, colocavam um ponto final nesta potencialidade da humanidade. Esta ideia era, como veremos neste livro, a base da sua crítica social.

V

A vida de Balzac foi tão conturbada quanto a época em que ele viveu, e esta é a dimensão mais conhecida do autor. A existência foi também contraditória, fragmentária, turbulenta e confusa. Ele agia muitas vezes, em conformidade com o que criticava. A vida individual do autor refletia a desordem coletiva na qual estava mergulhada. Daí sua postura dúbia com relação ao encanto e desencanto com a cidade de Paris. Assim como Benjamim era ao mesmo tempo apaixonado e crítico da cidade moderna do século XX, Balzac também o era em relação à Paris do século XIX. No entanto, em uma atividade específica da vida ele era extraordinariamente organizado: na escrita.

Nossa abordagem da produção literária de Balzac transita por estas dúvidas, vacilações, oscilações mentais, decisões tomadas na vida acarretando sucesso ou insucesso em suas metas, omissões, medos, recuos, avanços. Todo o complexo que compõe a paradoxal trajetória de vida do autor, desde sua herança familiar até a realização profissional e pessoal, passando pelos treinamentos necessários para a vida adulta precisaram ser considerados. Desta forma, assim como outros autores contemporâneos (Elias, Bourdieu e Lahire) o tem feito, procuramos vislumbrar através da socialização do autor as razões da construção da obra e da imaginação sociológica que a atravessa.

Consumido pela frustração com relação a suas aspirações e cansado de lutar para continuar pensando e escrevendo de forma crítica, assim como muitos

outros escritores e intelectuais, seus contemporâneos, pode-se dizer que Balzac sucumbiu diante da vitória do capitalismo nascente. A reformulação geral que a lógica capitalista trazia, formava o complexo do novo mundo moderno ao qual Balzac não sobreviveu. Em primeiro lugar pelos efeitos que ela tinha sobre seu trabalho de escritor. Em segundo lugar pela negação que o materialismo causava à ainda sobrevivente moral cósmica que ele adotava (mais próxima da moral aristocrática em declínio do que da burguesa industrial que chegava). Em terceiro lugar pela degradação política instalada pela República, na medida em que ela dava indiscriminadamente poder a indivíduos vistos por ele como completamente deteriorados pela corrupção psicológica. Assim ele faleceu aos 51 anos de idade antes de concluir *A Comédia Humana*. No entanto, além da obra, que consiste numa enorme, ampla e profunda reconstituição social da sua época, deixou também uma utopia social e parassocial que foi retomada e realizada no século XX.

Este livro é uma aposta numa volta ao passado, a qual as Ciências Sociais estão maduras para fazer, sem correr o risco de mergulhar incontestemente em antigas derivas pré ou pós-modernas. Pensamos que vale a pena para todos os profissionais e interessados em Sociologia recuperar a utopia balzaquiana, para saber como a imaginação sociológica literária um dia produziu uma utopia coletiva. O livro pode também vir a ser apreciado por todos os estudantes, pesquisadores, profissionais e interessados em Literatura e Sociologia da Literatura, e em Balzac, já que apresenta facetas do autor e da obra pouco conhecidas no Brasil.

Para começar, procedemos da mesma forma que Balzac em seus romances. Começando pela contextualização e descrição do ambiente no qual o autor se manifestou e ao qual ele contribuiu para melhorar.